

# NAS BANCAS



## Pesquisadores classificam novo tipo de própolis com atividades antimicrobianas

RAQUEL DO CARMO SANTOS  
kel@unicamp.br

Um novo tipo de própolis, originária do Estado de Alagoas, foi classificado por um grupo de pesquisadores da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP). A própolis vermelha, assim denominada em razão de sua cor avermelhada – semelhante à do sangue –, mostrou em testes preliminares que possui atividade antimicrobiana, o que possibilita sua aplicação na área de odontologia.

Busca agora é por novos princípios ativos

“Observamos o efeito bactericida contra vários microrganismos, inclusive patogênicos. Ademais, também pode ser utilizada no setor de cosméticos e alimentos, pois apresentou expressiva atividade antioxidante”, destaca o cirurgião-dentista Bruno Bueno Silva.

Em sua pesquisa de mestrado, orientada pelos professores Pedro Luiz Rosalen, da FOP, Severino Matias de Alencar da Escola Superior de Agricultura (Esalq), da USP, e Masaharu Ikegaki, da Universidade Federal de Alenas (Unifal), Silva estudou e testou mais de 20 plantas nativas de Maceió para saber qual delas era detentora da origem botânica da própolis vermelha.

Segundo o cirurgião-dentista, o país tem uma vegetação extremamente diversificada, o que torna difícil o trabalho de identificação da fonte vegetal utilizada pelas abelhas para a produção de própolis. “Fizemos uma extensa pesquisa para identificar as possíveis



O cirurgião-dentista Bruno Bueno Silva: pesquisa extensa para identificar as plantas escolhidas pelas abelhas (no destaque)

Foto: César Mala/Divulgação



plantas escolhidas pelas abelhas. Visitamos apiários em Alagoas e, posteriormente, testamos as plantas no laboratório. A base foi a

semelhança fitoquímica entre a planta e a própolis”, explica. Após vários ensaios químicos, físicos e biológicos comparativos,

a equipe chegou à planta, cujo nome científico é *Dalbergia ecastophyllum*.

Além das análises químicas da

própolis vermelha, o grupo já trabalha com a caracterização de outros tipos de própolis originários da Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e de outros Estados. Mas a descoberta pelos pesquisadores da Esalq da própolis vermelha gerou um desafio: que eles, em conjunto com a equipe da FOP, pudessem identificar o marcador botânico, a composição química e a atividade biológica do extrato da própolis e da planta.

Tanto os extratos da planta como o da própolis apresentaram atividades antimicrobianas que poderão ser utilizadas para pesquisas futuras de novas moléculas no controle do biofilme oral. O estudo prossegue para se conseguir isolar e identificar os compostos bioativos que poderão abrir caminho para a descoberta de novos princípios ativos. A pesquisa teve financiamento da Fapesp, CNPq e Capes e foi premiada pela Sociedade Brasileira de Pesquisas em Odontologia.

Foto: Antoninho Perri



A historiadora Eliane Morelli Abrahão: análise minuciosa das condutas e comportamentos dos moradores

## Costumes, mobiliário e utensílios revelam a Campinas do século XIX

Contar a história de Campinas a partir do mobiliário e utensílios, presentes nos lares da elite da cidade no século XIX, bem como sob a perspectiva dos valores culturais, sociais e econômicos, foi a proposta da historiadora Eliane Morelli Abrahão, que apresentou dissertação de mestrado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). O objetivo da investigação, segundo a autora da pesquisa, foi analisar a descrição de bens e móveis das famílias campineiras coletados de 80 inventários *post mortem* do Tribunal de Justiça de Campinas.

“A materialidade nas habitações, os artefatos e os objetos do cotidiano permitiram apreender

o modo de vida privado, os códigos e símbolos presentes nesse ambiente familiar, o que levou a uma análise minuciosa das condutas e comportamentos dos moradores”, explica a pesquisadora.

Orientada pelo professor José Alves de Freitas Neto, Eliane estudou o período de 1850 a 1900. Segundo a historiadora, o período foi marcado por um processo de modernização urbana e rural, caracterizado pela passagem da época do açúcar para as grandes fazendas de café. Neste contexto, Campinas teve uma mudança acentuada em vários aspectos. “Foram mudanças comportamentais da sociedade, principalmente no modo de morar e na prática de uma

sociabilidade intimamente relacionada à alimentação”, revela Eliane.

Em uma das etapas do estudo, a historiadora comparou alguns elementos das famílias do Rio de Janeiro, onde estava instalada a Corte, e do município paulista. Em Campinas, residências luxuosas se destacavam no cenário urbano e passaram de uma etapa de raridade para exuberância, como acontecia na Corte, cujo comportamento era justificável pela presença da família real. Estes aspectos levaram à conclusão de que as famílias campineiras se espelhavam nos acontecimentos da Corte.

As salas de visita e de jantar foram transformadas em palcos de representação social. Abrir os ambientes da casa ao público passou a ser uma vitrine das condições econômicas das famílias. Campinas, neste estágio, é uma cidade rica e culta. “Era uma ostentação da riqueza. O saber receber era um pré-requisito para as mulheres e considerado um fator importante para a permanência de alianças econômicas e políticas. Nos jantares e saraus, a elite campineira – representada pelos barões do café –, compunha novas alianças, além de cultivar a prática do receber como forma de distinção social”, avalia Eliane.

Um exemplo das condições de riqueza da cidade foi a vinda por três vezes do imperador a Campinas. A vida cultural era muito agitada e tinha a participação das mulheres. Os eventos eram mais comentados do que aqueles que aconteciam na capital paulista, segundo os memorialistas e viajantes estrangeiros que visitaram Campinas nesse período. (R.C.S.)

## Estudo revela como internet mudou jornalismo impresso

Foto: Érica Guimarães

A chegada da internet apenas acentuou a crise já instaurada na mídia impressa, constatou a jornalista Sabine Righetti ao analisar dois grupos paulistas de comunicação. Sabine considera que o jornal impresso precisa definir seu novo papel com o advento de novas tecnologias de informação, como forma de permanência no mercado midiático.

“É necessário que sejam demarcadas as funções e missões do jornal impresso e da internet. Por isso, meu objetivo foi estudar as mudanças no setor diante da configuração da internet como um novo meio de comunicação”, destaca Sabine. Os resultados da pesquisa constam da dissertação de mestrado, orientada pelo professor Ruy Quadros e apresentada no Instituto de Geociências (IG).

A jornalista demonstrou, a partir de estudos anteriores, que a crise no jornalismo impresso data de décadas e se trata de um fenômeno mundial, motivado, principalmente, por três fatores. O primeiro deles consiste na redução drástica do número de leitores dos jornais diários, acompanhada da crescente queda de anunciantes publicitários.

“E, finalmente, o aparecimento da internet como um meio de comunicação concorrente com o impresso. Todas essas questões mundiais também tiveram efeito nos setores brasileiros de comunicação. Em média, cada um dos principais jornais paulistas teve 40% de queda na circulação no período analisado, entre 1995 e 2005”, exemplifica.

A partir de números, Sabine demonstra o tamanho da crise no jornalismo impresso e as estratégias utilizadas por dois grupos paulistas de comunicação para atrair os leitores. Enquanto um deles optou pela diversificação de produtos desde a década de 1980, o outro foi mais reticente à chegada da internet e teve como estratégia manter o foco no jornalismo impresso, sem explorar os potenciais da internet. O resultado foi a chegada tardia, em 2000, do modelo online.

Por outro lado, as análises feitas por Sabine apontam para a internet como um meio de comunicação não-sustentável. Segundo dados de 2005, ela concentra atualmente 2% do total de dispêndios publicitários e, em dados otimistas, apenas 30% da população do Brasil tem acesso. “Isto significa que embora seja um forte fenômeno na comunicação, alguns desafios persistem”, declara.

A radiografia dos bastidores da gestão da comunicação foi realizada a partir de entrevistas com dirigentes e pessoal envolvidos nas transformações dos dois grupos de comunicação, a partir da consulta de fontes de dados sobre o setor de comunicação e por meio de revisão literária com foco nos trabalhos sobre recursos, estratégias empresariais e competências essenciais. Pelo estudo, ambos os grupos possuíam recursos internos, conhecimento e credibilidade da marca dos jornais para migrarem para a mídia online. (R.C.S.)



A jornalista Sabine Righetti, autora do estudo: funções precisam ser demarcadas